



OS "SETE PAÍSES" BASCOS

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

Os *Pirineus* formam uma região montanhosa entre a França e a Espanha numa extensão de 50.000 km², em linha de 440 km entre o Golfo de Biscaia (formado pelo Atlântico), e o Mediterrâneo. No total da área pirenaica, 2/3 do território pertencem à Espanha. Este eixo orográfico é menos íngreme na parte espanhola descendo bruscamente do lado francês.

"Altos são os Pirineus", diz um ditado francês, quando alguém procura comparar tamanhos. Está na parte central dessa cordilheira a mais alta barreira constituída por uma linha de picos superiores a 3.000 metros que se salientam por

sobre terrenos com altitude média de 1.800 metros. Para o lado do Mediterrâneo os Pirineus descem lentamente formando compactas altiplanícies, onde a aridez começa a ser notada. Dirigindo-se para o Golfo de Biscaia, os Pirineus já são mais regados pelas chuvas; chegam até o território de Guipuzcoa, onde são mais baixos e menos compactos, embora suas cristas sejam atravessadas por poucos passos. Assim, a principal rota que liga a Espanha e França segue o passo costeiro que circunda o Golfo de Biscaia.

O isolamento dos vales pírenaios facilitou, na Idade Média, a formação de vários Estados independentes; entre eles, apenas *Andorra* conseguiu manter a sua autonomia. Num contraste, a menor ele-

vação dos Pirineus na fachada atlântica uniu culturalmente populações que a montanha separou politicamente. É o caso dos *bascos*, que apresentam a mesma cultura de ambos os lados dos Pirineus, e que, embora venham tentando a sua união cultural e étnica, se encontram divididos politicamente entre a Espanha e a França. (Mapa 1)

Na fachada atlântica dos Pirineus estão, pois, os "Sete Países Bascos" abrangendo uma área de 22.500 km², dos quais apenas 7.700 km² estão em território francês; os "Sete Países", no seu total, correspondem em extensão a mais ou menos a área do nosso Estado de Sergipe (22.027 km²).

O ENIGMA BASCO

Os bascos, *do latim vasco*, constituem-se numa população dispersa pelas duas vertentes dos Pirineus Ocidentais; denominam-se a si próprios pelo nome *euskaldunak*.

Várias são as hipóteses apresentadas sobre a origem desse povo, embora nenhuma delas seja considerada plenamente satisfatória. Alguns acreditam que descendam dos hebreus, dos etruscos, dos fenícios e até de escoceses importados por Júlio Cesar. Segundo Humboldt, o basco é de origem uralo-altaica, mas Collignon opinava serem eles uma variedade da raça mediterrânea.

A sua língua comum, o *euskariano*, é a única, na Europa Ocidental, do tipo aglutinante, na qual freqüentemente ocorre a composição de elementos vocabulares em

que os componentes guardam a significação, embora percam a individualidade fonética. Este idioma é pouco variado, mas mesmo assim, em tese, compreende três dialetos principais: o laburdano (do Labourd), o biscaio e o guipuzcoano.

O euskariano não apresenta pontos comuns com nenhuma língua conhecida na Europa. Por isso, alguns lingüistas vêem nele certas afinidades com dialetos esquimós, com o japonês, e ainda com o etrusco pouco conhecido. Consideram outros que seja o próprio *ibérico primitivo* proveniente das línguas neolíticas, como certos idiomas antigos da Ásia Menor e do Cáucaso.

Concordando com esta hipótese lingüística, alguns antropólogos admitem que os bascos sejam originários de uma das numerosas tribos da antiga Ibéria, que acantonada nos Pirineus, não chegou a ser efetivamente submetida pelos invasores romanos, visigodos nem árabes. Assim, enquanto a Península Ibérica, e nela a Espanha, foi invadida por esses diversos povos, a *Bascônia conservou-se livre* e serviu de refúgio aos que vinham das áreas ocupadas. No isolamento forjou a sua língua e costumes próprios.

Ligados a esse passado, conservam os bascos, ainda hoje, a velha dança bastante rápida denominada *mochico*; seus instrumentos são o *tambor basco*, espécie de pandeiro e o *frajolé*, flauta típica.

Os *exercícios físicos*, aos quais dão tanta importância, desenvolveram-lhes a agilidade bem como a

confiança em sua bravura; daí serem excelentes soldados e não conhecerem rivais nas guerras das montanhas. Ótimos *desportistas*, não dispensam a *pelota basca** jogada de dois modos. Em jogo direto quando os adversários se mantêm frente a frente, ou quando estes se protegem por frontões. Os jogadores lançam a pelota com as mãos ou usam um instrumento — a *chistera*, objeto alongado e recurvado, fixo à mão por uma luva de couro sem dedos. Quando os jogadores dispensam a chistera, a peleja é travada apenas entre dois adversários; da outra forma denomina-se *joko-garbi*, e as equipes se constituem por dois ou três homens de cada lado da cancha ou campo de jogo. Há ainda uma terceira modalidade, o *rebot*, jogo dos ancestrais bascos, semelhante ao tênis, com equipes de cinco jogadores de cada lado. Não dispensam as *batalhas de makhila*, espécie de bordão feito com madeira da ameixeira amarela, guarnecido com couro trançado, com o qual lutam corpo a corpo. Juntam-se a esses esportes ainda outros, como o do lançamento de barras de ferro, denominadas *palankas* e o do célebre concurso de força; neste último, o campeão basco Paolino Uzardum conseguiu levantar seis vezes, no prazo de um minuto, um

bloco de pedra cilíndrica de 132 quilos.

O PAÍS BASCO

O aspecto montanhoso do território bem como o estabelecimento da organização feudal concorreram para o *cantonalismo geopolítico pirenaico* (Mapa 2). Assim, o *Reino de Navarra* seria, na realidade, o núcleo geo-histórico do "País Basco" que primitivamente se estendia por ambas as encostas dos Pirineus Ocidentais.

Foi Navarra o primitivo núcleo unificador nos Pirineus Ocidentais, tendo mesmo exercido sua ação geopolítica até o *Condado de Ribagorza*. No entanto, essa ação aglutinadora sofreria o impacto das tendências expansionistas do *Reino de Aragão*, que envolveu não apenas Ribagorza como também o *Condado de Sobrarbe*, mantendo isolado nos Pirineus Ocidentais o Reino de Navarra.

Enquanto o *Vale de Aran* se isolava para dar origem a atual autonomia Andorra, o *Condado de Pallars* era disputado tanto por Aragão como por *Barcelona*; visto que este último Condado exercia sua ação unificadora na *Catalunha*, atraindo as unidades geopolíticas dispersas desde Pallars até Gerona.

Instalados os três núcleos geo-históricos pirenaicos fortes — Catalunha, Aragão e Navarra, só no século XII efetivava-se a unificação geopolítica das bacias média e baixa do Rio Ebro. Unidas a Catalunha e Aragão, a reconquista cristã continuou ainda dificultada em

* A pelota basca é jogada com uma bola de borracha bem dura, na espessura de uma bola de gude, aumentada por invólucros de algodão e lã e recoberta por couro de cachorro, o único que não deforma; as dimensões, o peso e a dureza das pelotas variam segundo as modalidades de jogos a que se destinam.



função da solidez defensiva dos árabes nos *triângulos geoestratégicos de Lérida-Tortosa-Tarragona* e de *Huesca-Tudela-Saragoça*. Contribuía ainda para fortalecer os árabes a resistência que os cristãos de *Navarra, Rioja, Álava, Guipuzcoa e Biscaia* faziam contra sua unificação com Aragão-Catalunha em pleno século XIII.

Isso explica a lentidão da conquista cristã, só efetivada em pleno século XV com o casamento dos reis católicos Fernando e Isabel (1479); uniam-se então Aragão e Castela que, após encurralar as áreas protegidas pelos dois triângulos geoestratégicos árabes, levaram os cristãos a marchar para o sul ocupando Granada (1492), mas só conseguindo incorporar Navarra em 1512.

O sentimento secessionista nos Pirineus Ocidentais continuaria, tornando-se geopoliticamente ainda mais complicado com a *divisão do "País Basco" entre a França e a Espanha pelo Tratado de Elizando* (1765) ratificado pela Convenção de 1856.

Desaparecido o feudalismo, unificada a Espanha, perdiam sua liberdade os "*Fueros*" bascos, assembléias que se reuniam ao ar livre, à sombra de grandes árvores. No entanto, apesar do fato consumado, os bascos além de ignorar tal fronteira política, passavam a não aceitar de bom grado as leis franco-espanholas às quais ficavam submetidos; os franceses e espanhóis passavam a ser para eles elementos estrangeiros.

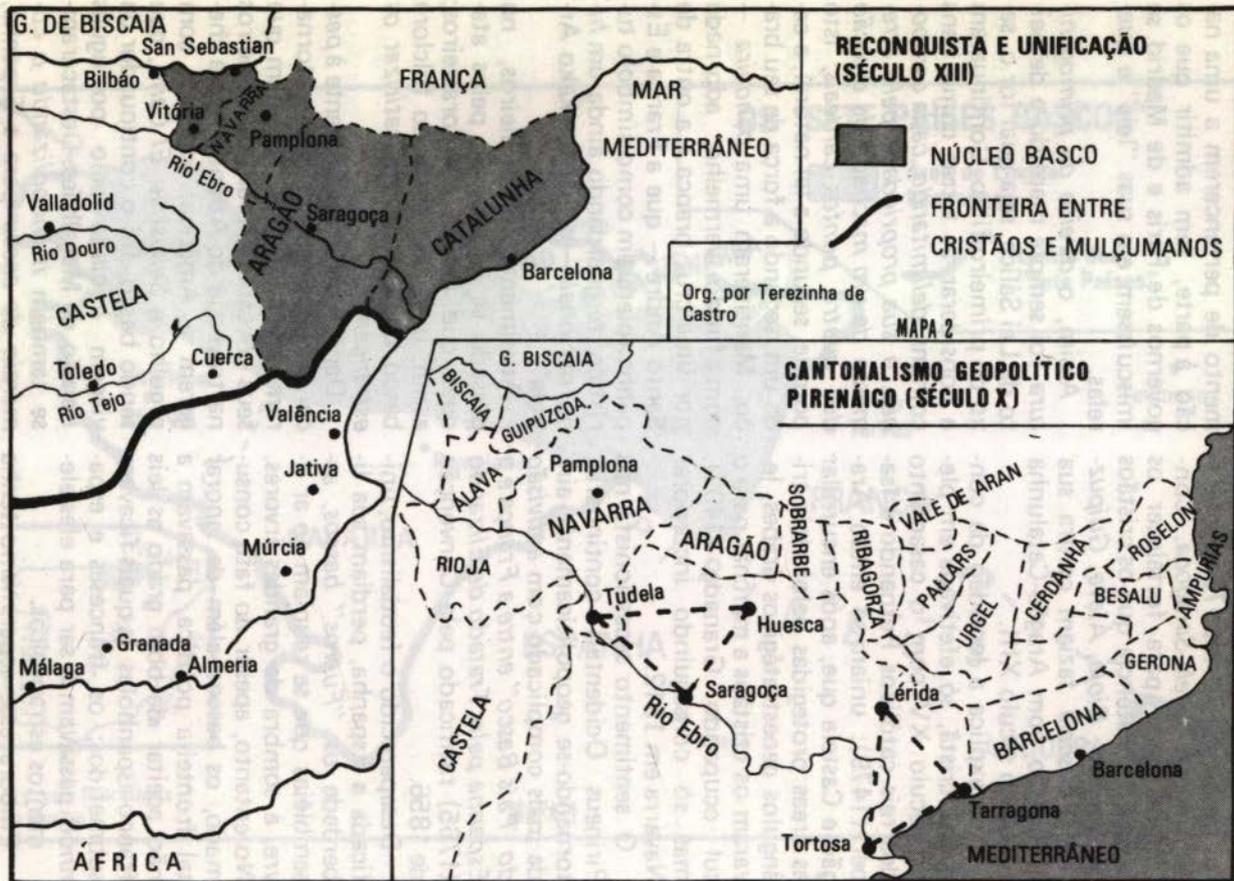
Embora esse *separatismo* tenha sido sempre reprimido, os bascos

continuaram a manter muitos de seus costumes baseados no sentimento de pertencerem a uma nação à parte, sem admitir que os governos de Paris e de Madrid se imiscuissem em suas "leis" e que-elas.

Assim, o *direito de primogenitura* foi sempre mantido a despeito da Lei Sállica, seja qual for o sexo do primeiro filho. Continuaram a considerar as terras como bens comuns, *delimitando, cada campônês, a sua propriedade pelo arremesso de um machado na direção dos quatro pontos cardeais*; isto porque, segundo a lei natural, a cada um, segundo a força de seu braço. Mantiveram uma *bandeira* — com fundo vermelho, adornada por uma cruz branca e a outra de Santo André — que a França e Espanha toleraram como símbolo turístico; resguardando ainda um *hino nacional* — o "*Guernikako Arbola*".

Atualmente hospitaleiros, no passado se destacaram pelos ataques que faziam aos forasteiros; assim, uma boa parte do folclore basco consagra-se em *satirizar os estrangeiros*.

Dedicando-se inicialmente à *pescaria do bacalhau*, os bascos tornaram-se navegadores. Afirmam que seus ancestrais foram os pioneiros na travessia do Atlântico para chegarem à América; apontam com orgulho a *Sebastião El Cano*, que sendo basco, foi o continuador da viagem iniciada pelo português Fernão de Magalhães. Destacaram-se também *monopolizando o comércio do cacau* para a Espanha, através da Real Companhia Gui-



puzcoana de Caracas, fundada em 1728.

De corsários transformaram-se em excelentes *contrabandistas* em terra; nos "Países Bascos", entre a fronteira franco-espanhola o contrabando é atividade simpática. Com as aduanas impostas pela França e Espanha, a ação restringe-se hoje a particulares; estes contrabandeiam de tudo, desde alimentos aos refugiados políticos e até de trabalhadores portugueses desejosos de ir para a França.

Por sua vez, os *agricultores*, quando a terra lhes falta, costumam imigrar para o Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Estados Unidos. Neste último país, o Estado de Nevada é o preferido; para eles o Governador Laxalt, de origem basca, conseguiu escolas e jornais em sua língua natal. Contratados inicialmente para trabalharem por cinco anos, com passagem de ida e volta, muitos deles regressaram à terra de origem, já que faziam questão de serem enterrados nos seus túmulos típicos de covas rasas, sem flores, distinguidos apenas por um monumento circular com uma cruz de malta incrustada.

A maior parte dos bascos, no entanto, se dirigiu para a Argentina; aí vários fizeram carreira política — Eva Perón e o ex-Presidente Aramburu eram de origem basca, como também o ex-Presidente do Brasil — Garrastazu Médici.

CONCLUSÃO

O *separatismo basco* vem, pois, de data remota, sendo que alguns

historiadores indicam a *Batalha de Roncesvalles* (778), quando os bascos derrotam Carlos Magno, como o início dessa luta.

Há mais de mil anos em luta contra invasores, conquistadores etc., em se tratando do *fenômeno nacionalista* propriamente dito, este passou a ser, nos últimos tempos, bem mais atuante no lado espanhol; daí haver o Generalíssimo Francisco Franco implantado o "*estado de exceção*" em agosto de 1968.

Nessa ocasião, já agrupados sobre a sigla ETA (Euskadi Ta Askatuna) que significa — o País Basco e sua Liberdade, os bascos espanhóis se mantiveram na clandestinidade, mantendo incógnito o chefe do movimento. Por sua vez, do lado francês os bascos, chefiados por Simon Haran, filiados ao Partido "Enbata", nome de um vento local que vem do mar, preferiam o federalismo, muito embora sempre houvessem se mostrado prontos a apoiarem seus concidadãos espanhóis caso se levantassem.

Contrastando com o lado espanhol, emitiam com mais liberdade as suas opiniões sobre a questão. Daí haver afirmado em 1968 Louhoshua, um rico basco-francês: "Só temos a esperteza a nosso favor. Há 300 anos que nos ocupam, que nos deixam morrer de fome e que nos calam. Isso já é demais!"

De fato, economicamente, os "países bascos" do lado francês contrastam com as quatro Províncias espanholas (Biscaia, Álava, Guipuzcoa e Navarra), as mais desenvolvidas do país, e com exceção da Catalunha, são as de maior

poder aquisitivo e as que mais contribuem para o produto interno bruto. Enquanto Biarritz, no lado francês, destaca-se como simples centro de veraneio procurado pelos turistas que desejam sol e ar puro; na parte espanhola, além da agricultura e pecuária, há desenvolvimento industrial (leite condensado, chocolate, peixe em conserva) tudo se concentrando na fronteira francesa. Por sua vez, Bilbáio, a 30 km do mar é, além de centro siderúrgico, também local de indústrias químicas e de construção naval.

Nesse contexto as declarações de Simon Haran mostravam que mesmo federalistas os bascos-franceses aspiravam a um novo traçado em suas fronteiras. "Ter que prestar contas ao Estado Francês, Europeu, Espanhol ou Alemão, estamos pouco interessados nisso. Mas sabemos também que o federalismo só poderá ser conquistado com derramamento de sangue. Nós, os velhos, depois de ter esgotado a luta pelo folclore e a cultura, tentamos todos os meios da política legal — hoje constamos o nosso fracasso. Os jovens não se contentarão com tão pouco. Eles começarão pelos postes telegráficos. Depois..."

Depois se sucedem numerosos assassinatos, seqüestros e atentados terroristas. Toda uma fase de *violência institucionalizada* levava a ETA a confrontos com a Polícia e o Exército. O radicalismo basco evoluía da posição histórica de extremo nacionalismo para a concepção violenta cujo lema era a eliminação sumária dos adversários.

A população basca na sua quase totalidade compreendia e apoiava esses separatistas, considerando seus atos violentos como políticos. Aos poucos, porém, ante o constante clima de sobressaltos, a ETA foi sistematicamente perdendo aquele apoio maciço. Assim, se na década dos 70 cerca de 44% da população basca ainda apoiava a ETA, em 1984 essa porcentagem cairia para os 22%; a última posição mostra que em cada grupo de oito bascos, um rejeita o modo de agir da ETA.

Por outro lado, a *cisão na ETA* mostra que as lideranças bascas estão com horizontes menores; bem mais acanhados, sobretudo do que em 1953, ano em que nascia a ETA, formada por militantes do Partido Nacionalista Basco, atualmente no poder em Bilbáio.

Hoje a ETA se subdivide em vários ramos, dentre os quais os mais conhecidos são a *ETA-Político-Militar Oitava Assembléia* e a *ETA-Militar*, esta bem mais violenta do que a primeira, por considerar o "País Basco" uma nação militarmente ocupada.

Para a *ETA-Político-Militar Oitava Assembléia* chegou a hora de abandonar a luta armada; seu líder, Herri Batasuna, com assento no Parlamento, quer a *independência do "País Basco" de modo legal e sujeita aos freios constitucionais*.

Pela Constituição a nação é indissolúvel, pátria comum e indivisível de todos os espanhóis sendo, no entanto, *reconhecido e garantido o direito à autonomia das nacionalidades* e regiões que a integram e a solidariedade entre todas.

Com pequenas variações locais, as regiões autônomas, dentro do plano conhecido como *Estatuto de Guernica* de outubro de 1979, têm competência para se autogerirem nos setores da Educação, Saúde, Obras Públicas, Agricultura e Comunicações, sendo dependentes de Madrid dos setores da Economia, Segurança, Comércio Exterior e Justiça.

Trata-se de um plano governamental que vem sendo posto em prática desde a gestão do Primeiro-Ministro Adolfo Suarez, visando *desmontar cuidadosamente a estrutura centralista* que orientou o Estado durante o regime franquista. A Espanha, na realidade *um conjunto de "nacionalidades históricas"*, já conta com dez regiões metropolitanas* neste regime de pré-autonomia, que de um todo controlado por Madrid vem se transformando num Estado integrado por unidades autônomas.

Em outubro de 1984 o industrial Felipe Eriz, intermediário das negociações *ETA-Governo*, falando em nome de um dirigente basco, o Txomin ou Domingos Iturbide Abasolo, afirmou que os separatistas estão dispostos a negociar para que se implante "a paz no País Basco, a fim de que seus habitantes possam voltar para casa e viver suas vidas com tranquilidade".

No entanto, o caso basco conta com o *problema suplementar de*

Navarra que ainda não se decidiu se solicita a sua autonomia isolada, incluindo também dentro de seu conjunto de "nacionalidade histórica" o Labourd, a Baixa Navarra e o Soule, *politicamente integrado ao território francês.*

Por outro lado, para os bascos o Estatuto de Guernica está redigido em termos tão ambíguos que *não oferecem segurança sobre a margem da verdadeira autoridade que Madrid cederá.*

Na prática, o que *os bascos desejam é a versão moderna dos "Fueros"*; trata-se da tradição da troca de direitos que na Idade Média levava a minoria forte negociar dízimos e serviço militar por autonomia política. O sistema funcionava tão bem que um dos lemas do Partido Nacionalista Basco é — "Deus e os velhos Fueros".

Um fato porém é notório — as aspirações separatistas na Catalunha, na Galícia ou em Valência não ameaçam tanto o governo de Madrid, como o problema dos bascos, embora estes sejam somente 6% da população espanhola. Conseqüentemente, no encontro dos dois socialistas, o espanhol Felipe Gonzalez e o francês François Mitterrand, em dezembro de 1983, foi firmado *um acordo para pôr fim ao "santuário" dos bascos, na fronteira franco-espanhola.*

Fechada essa fronteira natural dos Pirineus, *fica mais difícil para a ETA-Militar persistir na violência*, já que em caso de perigo não poderão seus componentes contar com o refúgio que sempre tiveram no "País Basco" francês. É fato também que embora tal medida

* São elas: Catalunha, Galícia, Andaluzia, Aragão, Astúrias, Castela-Leão, Castela-Mancha, Extremadura, Múrcia e Valência.

possa vir a marcar o declínio do terror que matou mais de 500 pessoas nos últimos trinta anos, não

implicará e nem concorrerá para o fim das aspirações de independência no "País dos Bascos".



Therezinha de Castro é Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu Rumo à Antártica, em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, História da Civilização Brasileira, Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil, África – Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais.